

ROTEIRO CINEMATOGRAFICO NUMA PROPOSTA BILÍNGUE BIMODAL (LIBRAS-PORTUGUÊS)

OSCAR RAIMUNDO DOS SANTOS JÚNIOR¹; TATIANA BOLIVAR LEBEDEFF²;

¹Universidade Federal de Pelotas – oscar.raimundo@ifsc.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – tblebedeff@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A experiência de lecionar para turmas de alunos surdos leva o docente a refletir constantemente sobre suas práticas pedagógicas e a buscar maneiras de aprimorá-las. No caso deste pesquisador, essa vivência foi o que motivou a busca por um aprofundamento teórico, culminando em uma pesquisa de mestrado. A principal inquietação residia em, defronte uma turma de estudantes surdos, como qualificar o ensino de técnicas de produção de vídeo ficcional.

A Educação de Surdos é uma área em constante desenvolvimento, especialmente a partir do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua (BRASIL, 2002, 2005) e dos avanços resultantes das reivindicações das comunidades surdas, que culminou na incorporação da modalidade de educação bilíngue para surdos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996, 2021). Ao tratar do apoio aos sistemas de ensino, a Lei 14.191 estabelece como um dos objetivos "elaborar e publicar sistematicamente material didático bilíngue, específico e diferenciado" (BRASIL, 1996, 2021).

Durante a pesquisa de mestrado, tornou-se evidente a escassez de pesquisas e de materiais adequados e acessíveis que abordem a produção de vídeos fictionais sob a perspectiva da visualidade e da cultura surdas. A produção acadêmica sobre o assunto ainda é limitada (GUTIERREZ, 2011; PEREIRA; BARBOSA; REZENDE FILHO, 2019), refletindo o reduzido espaço profissional para produções cinematográficas realizadas e/ou dirigidas por pessoas surdas.

Mesmo na produção de vídeos simples, o processo de ensino se revela relativamente complexo. Dessa forma, optou-se por analisar e propor um formato para o gênero textual Roteiro Cinematográfico que contenha elementos imagéticos e da cultura surda, pretendendo facilitar a compreensão e apropriação por estudantes surdos falando de uma língua de sinais no contexto educacional.

A escolha do Roteiro Cinematográfico se deve à sua grande importância na organização prévia de uma produção, pois, como afirma Comparato (2009, p. 28), "um bom roteiro não é garantia de um bom filme, mas sem um roteiro não existe um bom filme".

Nos aproximamos da compreensão da surdez como uma de diferença linguística e de acessibilidade, não de deficiência (LEBEDEFF, 2014). Os surdos compreendem e interagem com o mundo através dos aspectos visuais e embora exista diversas identidades surdas, este artigo foca na dimensão do surdo que utiliza como meio de comunicação uma língua de sinais e as implicações culturais que este fato gera (CAMPELLO, 2023; KARNOPP, 2010).

Assim o bilinguismo da modalidade de ensino de surdos pode ser compreendida como o bilinguismo entre a Libras, uma língua de modalidade visuoespacial e a primeira língua de muitos dos indivíduos surdos, e a língua portuguesa, de modalidade oral-auditiva e considerada a segunda língua para muitos dos indivíduos surdos. Este bilinguismo é conhecido como bilinguismo surdo

ou bilinguismo bimodal (CRUZ; QUADROS, 2018; DUARTE; AIRES; LEBEDEFF, 2021; SILVA, 2017).

Dentro de uma proposta bilíngue, os materiais focados para o ensino de estudantes surdos devem conter elementos de visualidade e terem o protagonismo de sua língua de sinais. O professor deve estar atento ao “uso de recursos variados, com aparato visual contextualizado, e a abertura de espaços para a produção dialógica em língua de sinais” (MARTINS, LACERDA, 2013, p. 40).

A fim de analisar o gênero textual Roteiro Cinematográfico foi montado um grupo focal, parte que será detalhado na seção metodologia.

2. METODOLOGIA

A pesquisa acadêmica é um espaço privilegiado para o aprofundamento acadêmico sobre uma temática, apoiando-se em uma metodologia para dirimir dúvidas e achismos que ocorrem no nosso dia a dia da sociedade. Para coletar dados foi escolhida a metodologia de grupo focal.

Um grupo focal é feito por 6 a 12 pessoas que podem debater livremente os tópicos propostos pelo pesquisador. “Os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas” (GATTI, 2005, p. 7).

A pesquisa preconizou por trabalhar junto com a comunidade surda e não somente para a comunidade surda. Para tanto foram convidados professores surdos e tradutores intérpretes de língua de sinais que tinham atuação no ensino de estudantes surdos do ensino médio. Devido a fluência em Libras dos participantes, os encontros puderam ter mediação diretamente em língua de sinais sem necessidade de profissionais atuando como intérpretes.

Os encontros foram gravados e com o diálogo foi possível propor um modelo de formato de roteiro cinematográfico que será detalhado na seção a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os apontamentos aqui relatados são fruto dos debates do grupo focal. Todos puderam expor suas experiências já vividas e reflexões sobre como ensinar e trabalhar com a produção de histórias em formato de roteiro cinematográfico.

Uma das grandes possibilidades da intermediação por tecnologia na escrita criativa é a facilidade de escrita, ajustes diversos e a qualquer tempo por meio de um editor de textos no computador. Por ser uma língua visuoespacial, para que os elementos em língua de sinais possam ser bem representados, uma possibilidade é estar em forma de vídeo, sinalizando todo o conteúdo desejado. Porém, esta transposição linguística é eficaz mas não é prática. Supondo que uma folha de texto escrito quando traduzido para Libras gere um vídeo de 5 minutos. Qualquer alteração (de ordem gramatical, troca de palavras, ou reordenamento das informações) acaba necessitando a regravação do vídeo inteiro.

Os roteiros cinematográficos escritos, em grande parte, contam com informações que situam a cena na história como local em que se passa, se é de dia ou de noite e é claro a numeram para facilitar a organização. Além disso, contam também com os diálogos que os/as personagens vão falar durante a cena (COMPARATO, 2009; MOLETTA, 2009).

Para uma proposta bilíngue é necessário ter espaço para que possam estar lado a lado, texto em português e o vídeo sinalizado em Libras, além de ter espaço para os demais elementos imagéticos. Desta maneira optou-se por montar em

formato apresentação no modo paisagem. A transposição desses elementos para a proposta de formato é demonstrada em uso na figura abaixo.

Figura 1



Fonte: Santos Junior, 2022

A construção desse modelo foi debatida pelo grupo focal. Fazendo considerações de melhorias e adequações. A Figura 1 mostra dois *slides* de um roteiro utilizando o formato proposto. Um *slide* apresentando um dos personagens, com seus respectivos sinais de batismo na cultura surda. Outro slide na parte superior com um cabeçalho contendo imagens representando o local onde a cena se passa. Além desses elementos, a descrição escrita em preto para ações que estão fazendo, e colorido o que se fala/sinaliza, e utilizando a cor atribuída para cada personagem. Como a proposta é bilíngue bimodal e com outros elementos imagéticos, o intuito é que possam utilizar os recursos conforme a necessidade e a diversidade de compreensão linguística dos estudantes. Os vídeos são curtos com o propósito de facilitar o processo de regravar qualquer parte sem maiores dificuldades.

4. CONCLUSÕES

A intenção com esta proposição é ter um instrumento para registrar de maneira dialogada com alunos surdos sinalizantes e que os mesmos possam se apropriar da ferramenta e construir de maneira processual uma história cinematográfica.

O modelo foi construído em diálogo com o grupo focal mas agora necessita ser utilizado por estudantes surdos.

Atualmente a pesquisa continua e está inserida dentro do projeto de doutoramento do mesmo autor e está em fase de organização de uma oficina de produção cinematográfica e que contará com a produção do roteiro no formato proposto dentro da oficina.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 2002.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais -

Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Presidência da República, 2002.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, DF: Presidência da República, 2021.

CAMPELLO, A. R. S. Estudo de imagem: visualidade na educação de surdos. In: FRANCISCO, G. S. A. M.; CASTRO JUNIOR, G. (Org.). **Formação de professores e intérpretes educacionais para produção de materiais bilíngues**. 1 ed. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2023, p. 47-70.

CRUZ, C.; QUADROS, R. Bilinguismo Bimodal. In: ORTIZ-PREUSS, E.; FINGER, I. (Org.). **A dinâmica do processamento bilíngue**. São Paulo: Pontes, 2018

COMPARATO, D. **Da Criação ao Roteiro: teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

DUARTE, A. B.; AIRES, D. M. R.; LEBEDEFF, T. B. O que significa ser bilíngue para surdos usuários de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa: uma investigação sobre bilinguismo bimodal e ideologias linguísticas. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 15, n. 32, p. 49-68, 2021.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GUTIERREZ, E. O. **A visualidade dos sujeitos surdos no contexto da educação audiovisual**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília.

KARNOPP, L. B. Produções culturais de surdos: análise de literatura surda. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 36, p. 155-174, maio/ago. 2010.

LEBEDEFF, T. B. Experiência visual e surdez: discussões sobre a necessidade de uma “visualidade aplicada. **Revista Fórum**, Rio de Janeiro, v. 9-30, p. 13-25, 2014.

MOLETTA, A. **Criação de Curta-metragem em Vídeo Digital. Uma proposta para produções de baixo custo**. Editora Summus, 2009.

PEREIRA, G.; BARBOSA, M. I. B.; REZENDE FILHO, L. A. C. Ouvindo imagens: ensaio sobre uma oficina audiovisual inclusiva de cinema e educação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 30, p. 1-25, 2019.

SANTOS JÚNIOR, O. R. **Roteiro Cinematográfico: proposta para o ensino que contemple as especificidades da cultura Surda e sua visualidade**. 2022. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva, Centro de Educação à distância - Cead, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://pergamumweb.udesc.br/acervo/158307>. Acesso em: 20 set. 2024.

SILVA, G. M. O bilinguismo dos surdos: acesso às línguas, usos e atitudes linguísticas. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 58, p. 124-144, Jan./Jun 2017a.